

Carlos Imbassahy

Médiuns e Experimentadores

FLORENCE COOK E DUNGLAS HOME

[O Espiritismo à Luz dos Fatos. pp.219-232]

Estes médiuns serviram para as experiências de William Crookes. Foram as experiências clássicas do Espiritismo; delas data o aparecimento do Espiritismo como ciência; a sua repercussão foi imensa no mundo inteiro, não só pelo valor do eminente cientista inglês que as presidiu, como pela excepcionalidade dos fatos presenciados.

Em vista disso, também, contra esses médiuns se vem adunando a grita dos adversários; minar-lhes o prestígio é derrocar o Espiritismo pela base, assim pensam eles.

Um escritor, por exemplo, inspirado, como todos, no Sr. Paulo Heuzé, afirma "que o Espiritismo é uma dessas presumidas verdades que repousam sobre a infalibilidade de William Crookes e Charles Richet". Depois, seguem-se as citações das trapaças.

No inquérito da Sociedade de Medicina, disse o Dr. Austregésilo que as narrativas dos autores espíritas não lhe merecem confiança. O Dr. Tanner de Abreu "não ignora que homens de grande saber e basta citar os nomes de Crookes e Richet se deixaram ingenuamente iludir por médiuns que acabaram por ser apanhados em flagrante, como no caso de Florence Cook."

Outros inquéritos englobam todas as experiências e todos os médiuns numa negatividade geral.

Lendo-se os autores do "Espiritismo no Brasil" tem-se a impressão de que eles, ao contrário dos colegas, aceitam os fenômenos dos médiuns de Crookes. Seria uma honrosa exceção. Assim, escrevem:

"O caso de Crookes. Com o auxílio da médium Florence Cook, um fantasma em carne e osso manifestou-se a Crookes. O sábio inglês pôde, em seu laboratório, passear com ele, fotografá-lo e verificar ainda que ele diferia sensivelmente da médium..."

Estudando o caso, nada impede que se considere Katie como um produto da imaginação criadora de Florence. Compreende-se que essa jovem, sincera e honesta, tenha concebido, como ideal, um guia espiritual sob aspecto tão angelical como o de que Crookes descreveu a aparição com palavras tão entusiásticas."

Como se lê, Florence aqui é a jovem sincera e honesta. Dir-se-ia que os AA fizeram exceção à regra geral e falavam como metapsiquistas. A ilusão, porém, não dura muito. Virem-se as folhas e vamos encontrar mais adiante o seguinte juízo:

"O grande físico inglês William Crookes, cujo trabalho tanto barulho fêz em sua época, serviu-se para as suas primeiras experiências de uma senhorita chamada Florence Cook, a quem dedicou, no referido volume, alguns versos bastante apaixonados. Flammarion relata que o segundo médium utilizado por Crookes, Dunglas Home, lhe havia confessado pessoalmente que Miss Florence era uma farsista, que enganara o velho sábio, a quem conseguira sugestionar. De fato, isso foi confirmado alguns anos mais tarde, quando ficou, descoberto que a médium mistress Corner, cujo truque foi apanhado em flagrante, era nem mais nem menos que a mesma pessoa que fora mistificadora de Crookes." 237)

Agora, como se lê, Florence Cook não é mais "a jovem sincera e honesta", porém "a farsista que, de fato, fora, alguns anos mais tarde, apanhada em flagrante".

Os AA., como se nota, não pecam pela concordância, influências, ainda, do escritor Heuzé, em cujos trabalhos pululam as incoerências, e a quem devemos, por certo, esta tirada.

Aquela história dos versos apaixonados de William Crookes a Miss Florence não pode ter outra origem.

Ora, o que Crookes realçou, certa vez, foi a beleza do fantasma, isto é, da Katie King, que era, realmente, deslumbrante, como asseguram todas as testemunhas e dizem as fotografias. O fato, porém, elaborado nas retortas do Sr. Paul Heuzé, disseminado na literatura estrangeira e filtrado, mais tarde, na literatura psíquica nacional, transformou-se em versos apaixonados dedicados à médium. Substituíram Katie King por Florence; mudaram as palavras serenas, de admiração, por poesia amorosa, e aí temos o sábio alLorcado num almofadinha piegas, e assim se fêz a opinião científica do caso.

Há também, dizem eles, como prova do embuste de Florence, a confissão de Home. Até então, o que se sabia, em matéria de confessorário, era o indivíduo relatar as próprias faltas. Em se tratando, porém, de psiquismo, a coisa muda: O que o sujeito confessa são as faltas dos outros, E desde que se trata de uma confissão, não há jeito senão tomá-la como prova.

De maneira que, contra Florence, o que há de positivo e certo não são as experiências de Crookes, denominadas "graníticas" pelo Prof. Richet e por quantos estudaram devidamente o caso; o que há de positivo e certo é a "confissão" de Home a respeito de Florence.

Ainda existe, sobre a médium em questão, um flagrante em que a apanharam, posteriormente, segundo prováveis e novas "confissões" de terceiros.

* * *

Flammarion refere-se, é verdade, à declaração feita por Home de que Misse Cook era uma hábil farsista. "Home m'a personnellement exprimé son opinion que Mlle. Cook avait été une habile farceuse..."

Home exprimiu, portanto, sua opinião. Era uma opinião, e opinião essa que, para Flammarion, não tinha valor nenhum, visto como Home se supunha o melhor dos médiuns, senão o único, "et qu'en fait de médium il n'y avait que lui, Daniel Dunglas Home d'absolument sur"; opinião, ainda, sem valor, "para quem conhece e observou de perto as rivalidades dos médiuns, tio notadas como a dos médicos, dos atores, dos músicos e das mulheres" explica o astrônomo. Mas quem ouviu falar nessa tão buzizada "confissão" de Home, ao velho pesquisador e por ele próprio relatada, há de supor que também ele não tinha dúvidas das trapaças de Florence Cook.

Leiamos-lo, porém. Depois de descrever, em grande número de páginas, as vigorosas experiências com essa médium, declara:

"Tais são as experiências de Sir William Crookes. Fiz empenho em reportar-me às observações, como ele as expôs. A história de Katie King é, seguramente, uma das mais misteriosas, das mais incríveis que existem em todas as pesquisas espíritas, e, ao mesmo tempo, uma das mais escrupulosamente estudadas pelo método experimental, nele compreendido a fotografia."

Não foi somente Crookes que examinou Florence. Se nessas experiências só o seu nome é geralmente citado, isto acontece por tratar-se de um dos mais eminentes físicos do mundo e pelo estremado rigor científico com que foram feitas aquelas experiências.

A prevalecer o caso dos "versos apaixonados", tinham que figurar também como apalermados adoradores da médium, e, por isso, também por ela embaídas, as seguintes notáveis personalidades: William Harrison, Ben-jamin Coleman, Luxmore, o Dr. Sexton, o Dr. Gully, a príncipe Sayn Wittgenstein, que também observaram os fenômenos, lhes testemunharam a autenticidade e deles fizeram relatos.

A propósito dessa "paixão", escreve Richet, respondendo ao Prof. Delmas:

"Penso não trair nenhum segredo dizendo que tive a honra, outrora, de ser recebido por Sir William Crookes, e a Sra. Crookes me contava com emoção que tinha visto, muitas vezes, Katie King vir até à mesa da sala de jantar e conversar com seus filhos. Dir-se-á que Lady Crookes estava apaixonada por Katie King? E, ainda que Crookes tivesse admirado a beleza de Katie, é isto razão para supor que este grande e maravilhoso sábio tenha perdido o sangue frio? Que o Sr. Delmas se dê ao trabalho de ler a descrição de Crookes e talvez acabe dizendo como o meu caro amigo Ochorowitz que, arrependendo-se de haver chamado outrora o grande Crookes de iludido, clamava, batendo no peito *Pater, peccavi*."

Como justamente pensa Richet, acompanhando-se a descrição feita por Crookes, para logo se verifica a impossibilidade da fraude, a menos que esteja ele a mentir sem o menor escrúpulo, que tivessem mentido outros cientistas, que mintam todos quantos verificaram os métodos empregados na fiscalização, que mentissem, por fim, as chapas fotográficas.

Não se poderá ter dúvidas, lendo a exposição do sábio, da realidade do fenómeno; seria impossível acreditar, diante da narrativa do mestre, que Florence fizesse o papel de Katie, visto como Katie e Florence foram, várias vezes, vistas simultânea, distintamente.

Ouçamos William Crookes:

"A 12 de Março, durante uma sessão em minha casa, Katie veio até junto de nós, falou algum tempo conosco e retirou-se por trás da cortina, que separava o meu laboratório (onde se achava a assistência), da minha biblioteca, a qual fazia temporariamente o papel de gabinete. Em um instante, ela voltou à cortina e chamou-me, dizendo: Entre no quarto e levante a cabeça da minha médium, que escorregou para o chão.

Katie estava, então, diante de mim, vestida com sua roupa branca habitual e seu chapéu em forma de turbante. Dirigi-me imediatamente à biblioteca para levantar a senhorita Cook, e Katie deu alguns passos para o lado, a fim de deixar-me passar.

Com efeito, a senhorita Cook tinha escorregado, em parte, do canapé, e sua cabeça estava em penosa posição. Tornei a pô-la no canapé e tive, apesar da obscuridade, a viva satisfação de verificar que Mlle. Cook não estava vestida com a roupa de Katie, mas que trazia o seu hábito comum de veludo preto e se achava em profunda letargia. Não se tinham passado três segundos entre o instante em que vi Katie de vestes brancas diante de mim e o em que coloquei a senhorita Cook sobre o canapé, tirando-a da posição em que se achava.

Voltei ao meu posto de observação e Katie veio de novo para dizer-me que supunha poderia aparecer-me juntamente com a médium. O gás foi diminuído, ela pediu-me uma lâmpada, e, depois de se mostrar a luz da mesma, deu-ma de novo, dizendo: Agora entre e venha ver a médium. Segui-a de perto até à biblioteca e à luz da lâmpada vi a senhorita Cook repousando no sofá, exatamente como eu a tinha deixado. Olhei em torno de mim para ver Katie; ela, porém, tinha desaparecido.

Passo agora à sessão que se realizou em Hackney. Katie nunca me apareceu com tão grande perfeição; durante mais de duas horas ela passeou pelo quarto conversando familiarmente com os que estavam presentes. Muitas vezes tomou-me o braço e a impressão sentida por mim é que era uma forma viva que se achava a meu lado, e não uma visitante do outro mundo; essa impressão foi tão forte que a tentação de repetir uma recente e curiosa experiência tornou-se irresistível."

Haverá nessa exposição serena algo que denote o transtorno produzido por uma paixão amorosa?

Mas não se limitaram a esta sessão as verificações de Crookes, tendentes a comprovar que a Katie espírito era perfeitamente distinta de Miss Cook médium.

Continuemos a ouvir as observações do famoso cientista:

"Ajoelhando-me, deixei entrar o ar na minha lâmpada e ao seu clarão vi a jovem (Miss Florence Cook) vestida de veludo escuro, como estava no começo da sessão. Achava-se na aparência completamente insensível. Não se moveu, enquanto eu mantinha a lâmpada bem perto de seu rosto, mas continuava a respirar tranquilamente. Levantando a lâmpada, olhei em torno de mim e vi *Katie* (o fantasma), que se conservava de pé, atrás de Miss Cook. Estava de roupagens brancas e flutuantes, como já a havíamos visto durante a sessão. Tendo uma das mãos de Miss Cook nas minhas e sempre de joelhos, levantei e abaixei a lâmpada a fim de clarear por inteiro a forma de *Katie King* e convencer-me plenamente de que o que eu via era realmente a verdadeira *Katie*, que apertara em meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doente. Ela não falou, mas moveu a cabeça por três vezes em sinal de reconhecimento. Por três vezes diferentes examinei cuidadosamente Miss Cook, encolhida no chão diante de mim, para assegurar-me que a mão que eu estava segurando era de fato a de uma mulher viva e por três vezes diferentes voltei a lâmpada para *Katie*, a fim de examiná-la com cuidadosa atenção, até que não tivesse a menor dúvida de sua realidade objetiva."

Crookes prosseguiu nas suas verificações, para ter a certeza de que Katie e Florence eram perfeitamente distintas.

O sábio, com paciência extrema, notou os diversos pormenores que as extremavam uma da outra; verificou-lhes a cor e consistência dos cabelos, a diferença dos talhes e contornos; auscultou-lhes as pulsações e, enquanto o pulso de Katie batia regularmente 75, o da outra atingia a 90.

"Apoiando meus ouvidos diz W. Crookes ao peito de Katie, pude ouvir um coração bater-lhe no interior, e suas pulsações eram ainda mais regulares do que as de Mlle. Cook quando, depois da sessão, me permitia a mesma experiência.

Pelo mesmo modo foram observados os pulmões de Katie e Miss Cook: aqueles se mostraram mais sãos, porque o médium, nessa época, seguia tratamento médico, em consequência de um grande resfriado."

Crookes descreve, por fim, as despedidas de Katie. Tinha ela cumprido a sua missão, que era trazer a prova da sobrevivência, que era obrigar a Ciência a experimentar os primeiros passos na senda do desconhecido!

Katie deu a Crookes suas últimas instruções. Parecia fatigada. Sua força ia desaparecendo, declarou tristemente. Estava esgotado o prazo. Os assistentes lhe agradeciam as maravilhosas e seguras manifestações que lhes havia ela concedido.

Uma cena, entre vivos, não seria tão impressionante, tão real:

"Enquanto ela dirigia aos seus amigos um último olhar, e pensativo, deixou cair o manto que a ocultava. Viram-na acordar a médium, que lhe pediu, em lágrimas, ficasse mais um pouco, mas Katie lhe respondeu: "Minha cara, não o posso mais. Está cumprida a minha tarefa; que Deus te abençoe". E ouvimos o ruído de um beijo. A médium apresentou-se, então, a nós, inteiramente esgotada e profundamente consternada."

Depois dessas declarações textuais, que é o que dizem os opositores, como se falassem por uma boca só?

Que, nove anos após as manifestações de Katie, isto é, depois de se haver retirado o fantasma, com a declaração formal de estar preenchida a sua missão, uma senhora Corner é apanhada em flagrante, que essa Sra. Comer era a Miss Cook, a médium de Crookes.

Na citada acusação não se dão maiores informes. Basta aquilo para aniquilar tudo.

Tivemos que procurar a origem da história. E ela foi a seguinte:

Contaram ao "Times" que uma Sra. Corner, dizendo chamar-se Florence Cook, fora apanhada em fraude. Mais nada.

Seria preciso que os anti-espíritos, para terem alguma segurança, verificassem a verdade daquele descobrimento; que houvesse a certeza de que os informantes do "Times" não estavam inventando; que, sendo o caso verdadeiro, era Madame Corner, com efeito, a Florence Cook; e que a Florence Cook era, de fato, a médium que trabalhara com o sábio inglês.

Provado esse caso duvidosíssimo, tivesse Miss Cook fraudado nove anos depois, não era isso razão para se afirmar que ela houvesse fraudado nove anos antes. Há indivíduos que perdem os dons mediúnicos, e, não se conformando com isso, falsificam os fenômenos.

Bem podia ser o caso de Florence. Mas isto mesmo é muito hipotético. Ora, já ao tempo de Crookes havia várias senhoras Corners, distintas de Florence. Uma delas, mesmo, acompanhava, com interesse, o movimento psíquico e se dizia médium.

Seria esta que se fez passar por Florence? Os denunciante identificaram Florence Cook ? Parece que não, visto que eles se baseavam nas afirmações de Corner, "que se dizia Florence". Não se estaria ela cobrindo com as penas do pavão? Estariam eles falando a verdade? Que pessoa de fé se faz ou se fêz fiador do caso ?...

Nada. Não se sabe nada! Do fato só há a denúncia. E é só. E foi só! E foi o suficiente, para desbancar a palavra, as experiências os trabalhos de mais de três anos consecutivos, de um dos maiores sábios do mundo, trabalhos esses confirmados por outros homens de saber, também notáveis na Inglaterra, e acompanhados de custosa aparelhagem, para a qual contribuiu o gênio de Varley. Pois tudo isso desaparece, de relâmpago, com uma notícia quase anônima e inverificável, feita ao "Times", notícia bastante para que os nossos antagonistas declarem segura, categórica, enfaticamente: "Provou-se mais tarde que..."

Para eles a denúncia simples e crua é que são provas. Quanto às experiências do sábio, minudentemente narradas, profusamente testemunhadas e pelas máquinas, inclusive a fotográfica, bastamente confirmadas, estas nada valem. Assim arrazoa a Ciência!...

Vamos, agora, ao outro médium de Crookes.

Com referência a Miss Florence, ainda há um ponto de partida para a acusação. Mas, quanto a Home, em vão se procura coisa que possa de longe dar um traço de verossimilhança ao boato propalado.

Trata-se de uma suposta trapaça que o fez expulso por Napoleão. É um caso velho, cuja origem se torna apagada e imperceptível, como os mananciais do nosso Amazonas.

Não faltam, entretanto, à falsa asserção os tributários, que a vão engrossando, de modo que ela, com afluentes sempre novos e numerosos, a que agora se vieram juntar os nossos patrícios, está a ponto de formar o imenso estuário da fantasia, causador de maior assombro que a grandeza da bacia hidrográfica do maior dos nossos rios.

Há ainda outros "contos" com referência a Home, mais ou menos inverossímeis. E o mais interessante é que eles divergem na forma e no fundo. Os "contadores" nem sempre, ou quase nunca se harmonizam; contradizem-se a cada passo; nunca estão certos de nada. Pois essas incertezas e contradições também foram transplantadas para os nossos ingênuos opositores, e vieram dar por terra com os trabalhos de Crookes.

Em vão, diversos vultos notáveis como Russel Wallace, Myers, William Barrett, procuraram remontar o (curso dessas histórias, a ver se topavam com o veio originário e se descobriam a base de tais acusações. Perderam-se, sem nada descobrir.

Nos relatórios anônimos que correm mundo e onde se esteiam os psiquiatras, a fantasia tinha livre curso. Ao contarem, por exemplo, a humorística história do pé de Home, diziam que ele tinha sido apanhado em flagrante, ora a dar com o dito pé no rosto de Napoleão, ora a batê-lo no da imperatriz. Também os relatores não estão muito certos de onde se teria passado aquele real sacrilégio, se nas Tulherias ou em Biarritz; ainda divergem eles nas consequências do ato, sendo o intruso, para alguns, expulso das Tulherias, para outros, de Biarritz.

Ouçamos, enfim, o que diz um imparcial expositor, com referência às famosas anedotas, o psiquista Dr. Sevensonn:

"Acolhestes e repetistes cem vezes uma tola história muito reeditada pelos jornais quotidianos (o que constitui já um começo de presunção de erro), segundo o qual Daniel Dunglas Home, o célebre médium de LR William Crookes, teria sido surpreendido no momento em que fraudava, no curso de uma sessão mediúnica organizada pela imperatriz Eugénia, em Biarritz. Essa história não tem o mínimo fundamento, e é de surpreender haja alguém ainda para lembrá-la. Não há ali, mesmo, sequer, um começo de verdade. Sempre que a reeditam têm o cuidado de rodeá-la do testemunho de pessoas mortas há muito tempo e que, quando vivas, nunca disseram ou escreveram nada de semelhante. O próprio Podmore, que punha em dúvida os fenômenos físicos da mediunidade, consagra um longo capítulo de seu *Modern Spiritualism* à mediunidade de Home, e observa: No que concerne ao pretendido desmascaramento de Home, nas Tulherias, nunca se apresentou

qualquer testemunho que se aproximasse, mesmo de longe, de um testemunho de primeira mão. (Volume n, livro IV, cap. m, págs. 230).

Como, para Podmore, qualquer fenómeno mediúnico de natureza física só pode ser fraudulento, ele busca explicar o fato de não haver Home sido jamais surpreendido em flagrante delito de fraude, pela circunstância de que, não sendo médium profissional, seus experimentadores eram, por assim dizer, seus hóspedes.

Com efeito, nosso ilusionista (Dickson), que encheu seu cofre forte difamando a memória de Home, ficará muito surpreendido ao saber que este último, muito desinteressado, nunca se fêz pagar por suas sessões. Ele possuía modesta fortuna pessoal. Temos um índice de sua natureza idealista por sua conversão ao Catolicismo, que lhe devia acarretar bastantes hostilidades entre seus concidadãos da Escócia. Podmore fala das Tulherias e não de Biarritz porque, como acontece sempre com esses mexericos de estalagem, nunca existe acordo sobre a época e sobre o lugar em que o fato se teria produzido, nem sobre as personagens que a ele teriam assistido. Na *Westminster Gazette* (Fevereiro de 1899), W. J. Stillmann coloca a famosa cena no castelo de Compiègne!... Dickson acrescenta que o imperador, furioso por haver sido mistificado durante mais de um ano, aplicou contra Home um mandato de expulsão.

Tal nunca se deu. Napoleão III, antes de admitir Home nas Tulherias, tinha tomado informações a seu respeito; existe, sobre Home, um *dossier* na polícia de Paris: consultai-o e vos assegurareis da falsidade de vossa alegação: Home continuou a viver em França durante dois anos; ele aí voltou mais tarde e morreu em Junho de 1886; foi enterrado em Saint-Germain em Laye, onde jaz também o túmulo de sua filha.

Evidentemente, o único testemunho ocular que hoje poderia falar é a imperatriz Eugênia. A infortunada soberana deposta não falará, mas nada terá que repreender-se por isso, sabendo perfeitamente que já o havia falado indiretamente. E eis como:

Frederico Myers, o eminente autor da *Personalidade Humana* e W. Barrett, professor de Física na Universidade de Dublin, trataram, em 1888 e 1889, de esclarecer certos pontos da vida de D. Home. Myers escreveu a este respeito no *Jornal da Sociedade de Pesquisas Psíquicas* (Julho de 1889): Há também uma história muitas vezes repetida, segundo a qual Home teria sido descoberto nas Tulherias, em Com-piègne ou Biarritz, servindo-se de uma luva estofada, e que fora então interdito de voltar à Corte Imperial. Esforçamo--nos para remontar a fonte desta história, mas foi em vão...

Nota-se que o pé de Home transforma-se aqui em "luva estofada"; não se trata mais da expulsão de França mas da interdição de voltar à Corte.

Na *Westminster Gazette* de Fevereiro de 1899, o mesmo Myers escrevia: "a história tem sido contada de diferentes modos, mas nunca cheguei a descobrir qualquer testemunho em seu apoio."

Apenas, na obra muito conhecida de D. D. Home: *Sua Vida e Missão*, a viúva Home publicou, entre outros documentos, uma carta escrita em 1863, a Home, por ordem

da imperatriz Eugênia. Ela foi assinada pelo secretário do comando, Damas Hinard. Nessa carta, a soberana agradece a D. Home a remessa do seu livro *Incidentes de minha vida*, e acrescenta que o vai ler com interesse.

Ora, Dickson disse, escreveu e imprimiu que o famoso desmascaramento de Biarritz se deu em 1857 note-se bem: 1857. Como é possível, observa Myers, que Home tenha oferecido o seu livro à imperatriz cinco anos depois do escândalo de seu desmascaramento, e o que é mais que a imperatriz lhe mandasse responder com uma carta amável de agradecimento e de interesse?

Finalmente, Myers e Barrett, depois de haver examinado o documento em questão, afirmam que não há mais dúvida sobre a autenticidade dessa carta, tanto quanto a de duas outras inseridas no livro *D. D. Home: Sua Vida e Missão*".

Russell Wallace, referindo-se também a Dunglas Home, escreve, no seu livro "Milagres e Espiritualismo Moderno":

"A vida de Home foi pública, em grande escala; passou ele grande parte do seu tempo como hóspede de pessoas de alta classe e de talento. Conta, entre seus amigos, eminentes individualidades da Ciência, da Arte e da Literatura, homens, certamente, de forma alguma inferiores em poder de percepção e de razão àqueles que, sem assistir às manifestações, acham que não as houve.

Durante 20 anos, foi ele exposto a exagerado exame, e a suspeição, jamais, foi posta de lado por inumeráveis per-quiridores: entretanto, nunca foi dada qualquer prova de embuste, nem nunca se descobriram quaisquer fragmentos de aparelhos ou de maquinaria. As manifestações, aliás, foram tão assombrosas que, se fossem filhas da impostura, só poderiam ser realizadas por engenhos da mais complicada, da mais variada e da mais embaraçosa natureza; elas exigiriam a assistência de muitos ajudantes e cúmplices. A teoria de que tais manifestações não passaram de ilusão é absolutamente insustentável, a menos que não haja meio nenhum de se distinguir a ilusão da realidade." 244)

Mas para que servem tais desmentidos? Uma vez que apareceu uma denúncia, não se sabe de quem, não se conhece donde, exposta de mil modos diferentes, aí é que está a verdade.

Os trabalhos de Crookes se somem, afogam-se diante dessa denúncia. Assim raciocinam os nossos pugnazes antagonistas, e a Ciência fala pela boca desses mestres!